

O outro lado do mesmo na guerra de Angola

Gilson Lázaro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/774>

DOI: 10.4000/ras.774

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2013

Paginação: 157-160

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Gilson Lázaro, « O outro lado do mesmo na guerra de Angola », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 01 março 2015, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/774> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.774>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© SASO

O outro lado do mesmo na guerra de Angola

Gilson Lázaro

REFERÊNCIA

2012: *Bush War. The road to Cuito Cuanavale. Soviet soldiers' accounts of the Angolan War*, Joahnnesburg: Jacana, 196 p.

Bush War. The road to Cuito Cuanavale. Soviet soldiers' accounts of Angolan War, que para o português traduz-se “Guerra de Bush. Caminho para o Cuito Cuanavale. Soldados soviéticos sobre a guerra angolana”, foi publicado em 2012 por Genny Shubin e Andrei Tokarev a partir da editora sul-africana Jacana. É um livro de memória que reúne oito depoimentos de ex-oficiais soviéticos (tradutores, instrutores e supervisores) que participaram activamente na guerra que se desenrolou nas décadas de 70 e 80, mais concretamente do Cuito Cuanavale, entre 1986-1988.

O livro é interessante por duas principais razões, do nosso ponto de vista. A primeira tem que ver com a oportunidade que se cria no facto de ex-oficiais soviéticos aceitarem falar das suas experiências, pois há vários anos que se tem verificado um apertado acesso aos arquivos desse e de outros importantes marcos históricos da participação soviética respeitante à guerra de Angola. Em síntese, quanto à primeira razão, é uma oportunidade para confrontar essa narrativa histórica com outras do mesmo percurso já publicadas. Por exemplo, os arquivos norte-americanos passado 30 anos de cada administração desclassificam determinados documentos e são postos à disposição das academias e de académicos interessados. Ou seja, a despeito da versão oficial - que cada governo tem da história política, social e cultural ou económica do seu país - as administrações norte-americanas estão cientes de que não cabe ao Estado a elaboração da história, mas sim aos organismos de investigação que, para o efeito, fazem uso dos documentos e arquivos oficiais de modo a verificar, confrontar e debater ideias, ainda que essas sejam antagónicas.

Portanto, não cabe ao Estado elaborar história ou histórias (ainda que exista essa tentação), mas cabe-lhe sim a tarefa de criar as condições que permitem às instituições de ensino e investigação encarregarem-se disso. No caso vertente de Angola a situação parece inversa, pois há a tentação ou pelo menos deixa-se essa impressão de que seja tarefa do Estado tal desiderato, salvo se estiver enganado. Toma-se como exemplo sinalizador dessa intenção vexatória o episódio que ocorreu na edição de 2008 do Festival Internacional de Cinema de Luanda (FICL), onde houve a proibição oficial pelo Ministério da Cultura de Angola da exibição do documentário *Cuba: An African Odyssey* (Cuba: uma odisseia africana), de Jihan El-Tahirm, que visa reflectir a trajetória cubana no continente africano, desde a Etiópia, Guiné Bissau, passando pelos dois Congos e até Angola, por “conter erros históricos e contrariar a história” na visão da ministra.

O documentário coloca em discussão pelo menos três versões sobre a participação cubana em Angola e, ao mesmo tempo, põe a falar destacadas figuras políticas e militares sul-africanas (Magnus Malan e Piter Botha), cubanas (Fidel de Castro, Victor Dreke, Emilio Mena, Rafael Moracen, Erasmo Vidiaux, Harry Villegas), angolanas (França Ndalú, Paulo Jorge, Tony da Costa Fernandes, Ngola Kabangu, Onambwe de Carvalho), soviéticas e americanas (Frank Wisner Jr, Herman Cohen), Congo Brazzaville (Freddy Ilunga e Ernest Nada-Graille), do Congo Kinshasa (Cleophas Kamtatu, Godefroid Tchamlesso e Placidez Kitungwa), apresentando uma versão que diverge da oficial. Em suma, o documentário foi considerado nocivo à visão oficial da guerra civil e da participação cubana quando já constava do cartaz de exibição.

A segunda razão, mais analítica, abre espaço para a confrontação da versão soviética dos acontecimentos e coloca, em parte, uma luz sob as percepções ou representações que cada interveniente soviético teve da participação na guerra. Tal narrativa dos factos, salvaguardando a subjectividade de cada autor, ajudará, provavelmente, no esforço para desmistificação da batalha do Cuito Cuanavale, que deverá ser empreendido por quem se interesse pela temática da guerra em Angola, sobretudo no que concerne ao envolvimento das forças externas.

O livro *Bush War. The road to Cuito Cuanavale. Soviet soldiers accounts of the Angolan War* encontra-se dividido por uma introdução que serve de apresentação dos oito depoimentos dos ex-oficiais narrados com a seguinte sequência: “*We were the first in Southern Angola*” de Vladimir Anatoliyevich; “*Securing the airspace*” de Vladimir Vasilievich Kostrachekov; “*The tide turns*” de Vyacheslav A. Mityaev; “*Cuito Cuanavale: notes from the trenches*” de Igor A. Zhdarkin; Igor Zhdarkin; “*Recollections of guns, tanks and bombs*” de Vyacheslav A. Barabulya; “*Memories of war In Angola*” de Anatolt E. Alekseevsky; e “*Life in the savannah*” de Vladimir A. Korolkov seguido de dois apêndices. O primeiro resulta da análise resumida do armamento usado, ao passo que, o segundo apêndice, apresenta informações detalhadas sob o tipo de armamento usado por ambas as partes na guerra, designadamente o eixo África do Sul e das Forças Armadas de Libertação de Angola (FALA), de um lado e, do outro, soviéticos, cubanos e das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA).

Com excepção das notas de trincheira de Igor Zhdarkin que são detalhadas obedecendo a uma sequência cronológica dos acontecimentos - um verdadeiro diário de trincheira - os outros seis depoimentos foram gravados junto dos soldados soviéticos. Originalmente o livro foi publicado em língua russa, sendo o título em inglês é o seguinte: “*Oral history of forgotten wars*” (2008). Para a língua portuguesa o título original traduz-se (*História oral das guerras esquecidas*), sob direcção editorial dos investigadores

russos Gennady Shubin e Andrei Tokarev, do Instituto de África em Moscovo e centro de estudos sul-africano respectivamente.

Dos oito depoimentos depreende-se que a maior parte dos ex-soldados actuou no sul de Angola, mais concretamente nas cidades do Huambo, Lubango, Namibe, e que o palco final foi efetivamente o Cuito Cuanavale, onde decorreu a guerra mais quente no período da Guerra Fria. Enquanto que a União Soviética e os Estados Unidos da América se defrontavam diplomática e politicamente neste período que se denominou de Guerra Fria, paradoxalmente, em Angola, a guerra era efectivamente quente e não fria. É isso que os depoimentos soviéticos procuram enfatizar.

Salta à vista nas primeiras páginas do livro, composto por um total de 196, a segunda introdução sul-africana a seguir à russa, pois o livro foi publicado em inglês em Johannesburg, África do Sul, pela mão da prestigiada editora Jacana. Esta introdução, contrariamente a expectativa que o livro provoca, demonstra o quanto existe actualmente uma relação de complementaridade entre as duas narrativas sul-africana e soviética, ou pelo menos isso fica visível na busca de Vladimir Shubin e Andrei Tokarev. Contudo, as informações aqui apresentadas, com um quadro militar detalhado, se configuram complexas.

Dada a sequência exposta acima, o livro traz um pequeno álbum fotográfico, cujas imagens manifestam precisamente o teatro da guerra civil. Das fotografias apresentadas no álbum, a que melhor atenção prende o leitor é aquela que retrata a deslocação de Fidel de Castro ao norte de Angola, acompanhado duma forte delegação cubana e angolana e de um dispositivo militar à altura da situação. Na deslocação que fez à província do Bengo em 1975, olhando para o mapa da batalha de Kifangondo, Fidel de Castro, ladeado do general França Ndalu, Agostinho Neto, Lúcio Lara e de generais cubanos, dá indicações que se supõe serem militares, dadas as circunstâncias e os objetivos da sua presença naquele local, onde se travava, no entanto, o contingente militar da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) proveniente do ex-Zaire, actual República Democrática do Congo. As restantes 27 fotografias do livro retratam os fragmentos da guerra, com tanques incendiados pelo caminho, grupos de combatentes cubanos, angolanos e soviéticos entre homens e mulheres impondo armas e munições. Esta é talvez a parte do livro que dispensa comentários pela riqueza que as imagens oferecem mesmo aqueles que da guerra pouco ou nada conhecem.

Pontas soltas do livro de depoimentos

A primeira ponta solta é uma referência muito ténue do drama que representou o 27 de Maio, no qual se supõe ter havido a participação da União Soviética apoiando os golpistas.

A segunda diz respeito à exacerbada ênfase que é dada ao desempenho dos oficiais soviéticos no teatro da guerra, secularizando, como até agora se vem narrando, o envolvimento e desempenho das forças angolanas, seja durante a batalha pela defesa de Luanda, seja no decurso da batalha do Cuito Cuanavale. Porém, como é obvio, os depoimentos de acontecimentos dessa natureza marcados por subjectividade, são quase sempre narrados a partir da posição com que se olha e de onde se fala. Ou seja, em parte, o olhar dos ex-soldados soviéticos se conforma à narrativa oficial do seu país pela forma como abordam o desempenho prestado. Por exemplo, o livro *“The Hot ‘Cold War’ - The USSR in Southern Africa*, de Vladimir Shubin, há essa impressão bem patente da imagem no que ao desempenho soviético em África e em particular Angola diz respeito.

Para ser mais preciso, a narrativa soviética ou qualquer outra sobre o envolvimento externo na guerra de Angola, o olhar para os acontecimentos partirá do seu lugar de pretensa, no caso em concreto da União Soviética. O mesmo acontece quando os cubanos narraram sobre a participação que tiveram na guerra de Angola, pois falam a partir de Cuba ou de como olhavam para a guerra. Os exemplos de destaque são os livros “*Conflicting Missions - Havana, Washington, Pretoria*”, do conceituado autor cubano Piero Gleijeses, e o “*Proa a la libertad*” - nos capítulos ‘*Angola, a guerra injusta*’, do cubano dissidente Rafael del Pino.

Sendo o livro de depoimentos sobre acontecimentos traumáticos, e de onde se desenvolvem igualmente protagonistas, os desafios metodológicos que se colocam quando se pretende apreender informações valiosas são enormes. Pois, involuntariamente, há existência de uma elevada carga de subjectividade. Não está aqui em causa a impossibilidade da subjectividade constituir-se em elemento de pesquisa, ao contrário, sinaliza-se apenas que os depoimentos verificados no presente livro estão imbricados com o lugar do qual os autores narram os acontecimentos.

Há, ao longo dos depoimentos, a revelação de que o eixo militar União Soviética /Cuba e das FAPLA tenham ganho a batalha obrigando o recuo do exército sul-africano.

Finalmente, as últimas pontas soltas têm que ver com o racismo velado de parte em parte e as dificuldades de comunicação entre efetivos militares angolanos e soviéticos, pois em algumas comunidades do sul de Angola a língua portuguesa não constituía o veículo principal de comunicação independentemente do domínio apresentado pelos soviéticos.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Pedro, 2008: “Cuba: uma odisseia angolana”, *Novo Jornal*, edição nº 45, 28 de Novembro, p. 9

GLEIJESES, Piero, 2003: *Conflicting Missions. Havana, Washington, Pretoria*, Galego & University of North Carolina Press

DEL PINO, Rafael, 1991: *Proa a la libertad*, Editora Planeta

SHUBIN, Vladimir, 2008: *The Hot ‘Cold War’. The USSR in Southern Africa*, Pluto Press & Unverserity of KwaZulu-Natal Press

SHUBIN, Vladimir, 2008: “Cuba. An African Odyssey”, de Jihan El-Tahir, Cape Town

AUTORES

GILSON LÁZARO

Antropólogo Social, é Mestre em Estudos Africanos pelo ISCTE-I.U.L. É Professor Auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, investigador no Centro e Estudos

e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola e membro do CODESRIA. As suas áreas de investigação situam-se no âmbito da Sociologia Política e da História.
[e-mail: lazaro.gilson@gmail.com]